

FERNANDO J. GUIMARÃES

DOM BOSCO E O POBRE

O pensamento original do Padre Júlio Maria CSSR

A pessoa e a mensagem do redentorista brasileiro Padre Júlio Maria de Moraes Carneiro (1850-1916) sempre se mantiveram vivas na memória nacional. Após sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro a 2 de abril de 1916, além do estudo fundamental de Jônathas Serrano¹, prova o contínuo interesse a periódica reedição de algumas das obras do célebre pregador nacional². Mas é sobretudo na última década, com o redespertar do interesse pela história da Pátria e da Igreja, tão característico de nossos dias, que volta à ribalta a figura ímpar do grande polemista³.

Desejo apresentar, no presente trabalho, um texto de 1897, até agora conhecido apenas pelos poucos privilegiados possuidores do folheto original. Mas seja-me permitida, antes, uma reflexão introdutória, de caráter mais geral.

O pensamento do Padre Júlio Maria

A própria experiência de busca intelectual da verdade marcará definitivamente o pensamento do Padre Júlio Maria e o método com que procurará cumprir a sua vocação missionária e sacerdotal.

¹ J. SERRANO, *Julio Maria*, Edição do Centro Dom Vital, Rio de Janeiro 1924; 2ª edição: Livraria Boa Imprensa, Rio de Janeiro s/d (1941). Citarei sempre a 2ª edição, com a sigla JS.

² Não se elaborou ainda uma bibliografia completa da complexa obra de Julio Maria. A fundamental continua sendo a de JS, 9-12, retomada depois por M. DE MEULEMEESTER, *Bibliographie Générale des Ecrivains Rédemptoristes*, vol. 2, Louvain 1935, 107-109 e atualizada em parte por J. F. HAUCK, em PADRE JULIO MARIA C.S.S.R., *A Igreja e o Povo*, Edições Loyola/CEPEHIB, São Paulo 1983, 67-69. As obras de Júlio Maria reeditadas ultimamente são: *Apóstrofes* (1897), 2ª edição: Rio de Janeiro 1935, com prefácio de Alceu de Amoroso Lima; *O Deus Desprezado e A Graça* (1895), 2ª edição: Rio de Janeiro 1932; 3ª edição: Rio de Janeiro s/d (1934); *A Paixão* (1895), 2ª edição: Rio de Janeiro 1937; *A Igreja e o Povo* (1898), 2ª edição: São Paulo 1983; *Memória Histórica - A Religião, Ordens religiosas, Instituições Pias e Beneficentes no*

De jovem agnóstico e positivista, tal como se manifestava por ocasião de seu doutoramento pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1875⁴, será através de um longo processo que Júlio Maria chegará à fé. Este será provocado por sua insaciável curiosidade intelectual, que o faz percorrer as diversas propostas intelectuais características do século XIX, mas que o deixa, enfim, insatisfeito e frustrado, até que se volta para a doutrina católica, estudando-a com afincamento e abraçando-a com ardor. Encontramo-lo plenamente católico já por volta de 1884⁵.

Esta sua experiência faz com que seu pensamento tenha como eixos dois polos fundamentais: a razão, na busca do conhecimento dos mistérios do homem e do mundo e, do outro lado, a fé, entendida não como renúncia à compreensão, mas como entendimento mais alto, que não nega a razão, mas reconhecendo-lhe os limites, incorpora-a e a eleva: « No raciocínio não achei a fé; dentro da fé achei o raciocínio »⁶. Mais tarde, ao defender seu método apologético, considerado como racionalista, não hesitará em afirmar o valor de ambos, fé e razão, quando postos a confronto⁷.

Júlio Maria conseguirá, com sensibilidade verdadeiramente profética, identificar os elementos mais positivos do complexo e dramático

Brasil (1900), 2ª edição; *O Catolicismo no Brasil*, com prefácio de Aiceu de Amoroso Lima, Rio de Janeiro 1950; 3ª edição: *A Igreja e a República*, com prefácio de Anna Maria Moog Rodrigues, Brasília 1981; *A Segunda Vinda de Cristo* (1913), 2ª edição: Rio de Janeiro 1932.

³ Um primeiro esboço de bibliografia dos estudos sobre Júlio Maria pode-se encontrar em F. GUIMARÃES, *Padre Júlio Maria CSSR: Notas Bibliográficas*, « Boletim do CEPEHIB » 26 (1985), 19-21.

⁴ Cfr. J. O. BEOZZO, *Pe. Júlio Maria - Uma teologia liberal-republicana numa Igreja monarquista e conservadora*, em AA.VV., *História da Teologia na América Latina*, São Paulo 1981, 108 (Citarei sempre BEOZZO); J. F. HAUCK, *Esboço Histórico*, em PADRE JÚLIO MARIA C.S.S.R., *A Igreja e o Povo*, São Paulo 1983, 12 (Citarei sempre HAUCK).

⁵ Sua obra *Pensamentos e Reflexões*, que remonta a 1882, mostra a presença da fé em Jesus Cristo, embora não haja referência direta à Igreja e à vida sacramental. Em 1884, estabelecendo-se em Rio Novo, MG, « começou logo a se manifestar puramente católico prático, frequentando a igreja e os sacramentos » (C. GAMA, *Júlio Maria*, em « União » de 18 de maio de 1922). Ao contrário da interpretação dada por Aiceu no prefácio de *O Catolicismo no Brasil*, 9-10 e assumida por BEOZZO, 109, toda a documentação até agora levantada é unânime em reconhecer um processo de conversão lento e progressivo, em que entram o estudo e a influência de pessoas queridas. Ao iniciar sua pregação em São Paulo, no ano de 1894, Júlio Maria fará confissão pública de seus erros passados, « ...dizendo que era exatamente aqui que se devia retratar perante Deus, dos erros que o seu orgulho e inexperiência científica obrigaram a propagar. Estudos posteriores mais aprofundados e a melhor interpretação dos textos sagrados transformaram as suas crenças » (Resumo publicado no « Diário Popular » de São Paulo, 2 de julho de 1894; Cfr. « O Pharol », de Juiz de Fora, 7 de julho de 1894).

⁶ JÚLIO MARIA, *Pensamentos e Reflexões*, Rio de Janeiro 1882, 7.

⁷ Cfr. seu *Discurso* na posse como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 8 de dezembro de 1899, que, na sua última parte, é uma veemente defesa de seu método apologético: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 90-100 (1900), 368 ss. Sobre o método de Júlio Maria, cfr. JS, 135-146.

choque cultural da segunda metade do século XIX e, ao ressaltá-los, será seu mérito, no contexto cultural religioso do Brasil, mostrar a total coerência dos mesmos com a mensagem evangélica e com o cristianismo.

O pensamento de Júlio Maria, em sua forma madura, denunciará ao mesmo tempo os preconceitos de uma pseudo-ciência arrogante e de um século que se pretende construir sem Deus, mas também porá em claro, com a mesma força, o pessimismo de uma Igreja saudosista, mesquinha e conservadora, apegada ao passado, fim a si mesma.

Mundo e Igreja se encontram, na obra de Júlio Maria. Se nos escritos imediatamente posteriores à sua conversão predomina a análise das lacunas da proposta cultural do seu século, para fazer realçar a indispensável necessidade da religião⁸, esquema mental que ainda encontramos nos primeiros anos de suas pregações sacerdotais⁹, Júlio Maria, aos poucos, no embate permanente da polêmica, sobretudo quando ampliará sua área de referência, com o início da peregrinação que o levará por todo o Brasil (foi nomeado Missionário Apostólico em 1895), ampliará também a sua visão. Ele passará, sobretudo, a sublinhar os aspectos positivos contidos na aparente revolução cultural que se processava, negará as cores ameaçadoras com que muitos, na Igreja, pretendiam carregar o quadro social, apresentando-o como intrinsecamente inimigo de Deus e destruidor da Igreja¹⁰. Não se trata, porém, de um otimismo ingênuo, irênico, capaz de camuflar desvios e erros em uma afirmação mentirosa de uma falsa paz. Sua crítica permanecerá sempre forte, viril, sincera.

Expressão madura deste seu pensamento serão, sem dúvida, as séries das Conferências da Assunção, que pronunciará no Rio de Janeiro, a partir de 1897, até 1900¹¹: « Desertor da incredulidade, prisioneiro de Jesus Cristo, sou, entretanto, homem do meu tempo, da minha época, sem receio nem perante os homens nem perante Deus, prefiro a todas as épocas que a precederam, porque a todas elas sobrepuja nas vitórias gigantescas sobre a natureza, nas liberdades civis e políticas, no direito, na razão, na eloquência, na justiça e até mesmo no esplendor da Igreja »¹². E o pessimismo religioso « não tem olhos senão para ver os defeitos do nosso tempo; não tem ouvidos senão para ouvir a acusação de seus desvios; não tem coração senão para lamentar conflitos, divergências mais

⁸ Refiro-me, sobretudo, às obras *Pensamentos e Reflexões*, e *Apóstrofes* (Niterói 1897, mas publicadas como artigos no «Jornal do Commercio» de Juiz de Fora em 1885).

⁹ São deste período as obras *O Deus Desprezado* e *A Graça* (Juiz de Fora 1895), *A Caridade* e *Apelos* (Juiz de Fora 1896).

¹⁰ Ver, por exemplo, diversos exemplos da temática de suas conferências deste período: JONATHAS SERRANO, *Farias Brito - O homem e a obra*, São Paulo 1939, 151-162; HAUCK, 18-19; BEOZZO, 111-121.

¹¹ Os temas da primeira série (1897) encontram-se em JS, 150-151. Espero poder publicá-la em breve, pois é fundamental para um estudo aprofundado do pensamento de Júlio Maria.

¹² *Conferências da Assunção*, 1ª série (1897), 2ª conferência.

aparentes que reais entre a sociedade moderna e a Igreja »¹³. « A pergunta - *qual a missão do Clero nos tempos novos?*, desde já, em síntese, respondo: aceitá-los, combater neles e com eles; olhá-los, não com o olhar estreito e oblíquo dos que só vêem os seus defeitos e erros; mas com o olhar amplo e desprevenido dos que sabem contemplar tudo o que eles têm, no seu essencial, de belo e cristão »¹⁴.

Assim sendo, Júlio Maria consegue elaborar uma nova fisionomia de uma Igreja voltada, toda ela, para o que hoje se poderia chamar de « evangelização da cultura ». Reduzir a originalidade de Júlio Maria tão somente ao aspecto social do seu pensamento é desfigurá-lo, lendo restritivamente os seus textos. É falsear a verdade histórica, tal como a encontramos no conjunto da produção juliomariana.

O pensamento adulto de Júlio Maria desenvolve-se em três níveis que se interpenetram, completando-se harmoniosamente.

Um primeiro nível dirige-se à Igreja, vendo-a em sua dimensão interna. Uma visão crítica insiste sobre a falsidade de uma religião meramente exterior, por Júlio Maria sempre lida em chave vétero-testamentária¹⁵ de uma religião de ritos externos que desconhece a conversão do coração; sobre um devocionalismo sem referência cristocêntrica e, por isso mesmo, estéril¹⁶. Sua crítica da situação em que se encontram as paróquias de seu tempo é áspera e dura¹⁷. Como consequência lógica, defende a imperiosa necessidade de uma profunda formação da fé popular. A ela dedicará o tempo em que permanece em Juiz de Fora, entre as viagens missionárias, quando padre secular¹⁸. A ela dedicará parte da programação das suas pregações quaresmais, quando Redentorista. E a própria morte o surpreenderá na tarefa de explicar os artigos do Credo, que começara com a quaresmal de 1914 e continuara com a de 1915...¹⁹.

¹³ Ibid., id.

¹⁴ Ibid., 1ª série, 7ª conferência.

¹⁵ Cfr., p. exemplo, *O Deus Desprezado*, 16-19 (cito sempre a 2ª edição); *A Graça*, 42-43 (cito a 3ª edição, ampliada); *Conferências da Assunção*, 1ª série, 3ª conferência; 2ª série, 3ª conferência, etc.

¹⁶ Sobre a cristologia de Júlio Maria ver, por exemplo, sua reflexão sobre a encarnação em *A Graça*, 52-53, ou ainda sua visão pastoral do Ano Litúrgico, Ibid., 56-58. Ela alcançará tons profundos e belos na pregação quaresmal em Ouro Preto, 1895: *A Paixão*, 27-28; 69-70, etc (cito a 2ª edição). Toda a segunda série das *Conferências da Assunção* será dedicada à reflexão sobre Jesus Cristo.

¹⁷ Cfr. *O Deus Desprezado*, passim. É sintomático que as edições posteriores abrandem, em vários trechos, as afirmações generalizantes que o Autor fazia nos artigos originais publicados no jornal « O Pharol » de Juiz de Fora. Por exemplo: « ... em muitas paróquias a degeneração de culto », etc (*Deus Desprezado*, 62); substituí um fortíssimo: « ... em geral, nas nossas paróquias a degeneração do culto... » (« O Pharol », 12 de fevereiro de 1895).

¹⁸ Suas pregações semanais em Juiz de Fora querem ser, como ele mesmo comunica ao povo, « um curso permanente de religião », uma « constante e concatenada doutrinação que o instrua nas verdades da religião » (« O Pharol », 12 de fevereiro de 1895). Ver, por exemplo, o que ele diz sobre a pregação, em *O Deus Desprezado*, 84-87.

¹⁹ Abordara, em 1914, a Criação e, no ano seguinte, a Encarnação. Os resumos das conferências estão publicados pelo « Jornal do Commercio » do Rio de Janeiro, nos meses de março e abril de 1914 e de fevereiro e março de 1915.

Um segundo nível do pensamento de Júlio Maria abre-se sobre o mundo, encarnado na cultura de seu século. A grande preocupação de nosso autor é a de demonstrar que a cultura não elimina a religião, mas, ao contrário, dela tem necessidade para ser plena. O diálogo com a cultura de seu tempo é elemento essencial tanto no conteúdo de sua pregação como no seu método: « Não há na religião um só erro contemporâneo que não seja reprodução de alguma heresia antiga, pulverizada pelos Padres, Doutores da Igreja (...). No nosso tempo, reveste-a um falso verniz de ciência; e parece ser isto o que mais fascina a pobre mocidade, que não duvida já, sem nenhum estudo da religião, deixar as fontes caudais da verdade para beber nas cisternas rotas do moderno filosofismo »²⁰. « No terreno da polêmica, não há um só preconceito contra a religião que eu não tenha encarado de frente dando às objeções especiosas dos inimigos da Fé a refutação que nos fornece a própria ciência »²¹.

Por isso mesmo, sua atenção prioritária dirige-se à classe intelectual, à liderança do país. É o próprio Júlio Maria que explica sua missão, em conversa com o Internúncio Apostólico no Brasil, Dom Giuseppe Macchi, em 1898: « Vendo por um lado a ignorância imensa e os inúmeros preconceitos que, em matéria de religião, dominam em nosso Brasil, especialmente na classe que se diz mais culta e inteligente, entre a qual é pouco menos que um dogma a pretensa antítese entre a fé e a ciência, entre a Igreja e as instituições republicanas, e, por outro lado, observando que não existe um só sacerdote em todo o Brasil que assuma o trabalho de iluminar este tipo de gente, que, no entanto, é quem tem em mãos os nossos destinos, falando-lhe de nossa santa Religião e das suas harmonias com a sociedade civil, pensei eu em dedicar-me a este ministério, fazendo render a minha fé, o estudo incessante que faço da Teologia, da apologetica católica e das Encíclicas de Sua Santidade (Leão XIII) e aquele pouco de eloquência natural que o Senhor me concedeu »²². Ao orientar-se para a vida religiosa, escolhe a Congregação Redentorista, identificando entre os « mais abandonados » aos quais ela se volta, as « classes dirigentes » do país²³.

O diálogo com a cultura representa, na ação de Júlio Maria, um elemento antecipador de nossa época, do desafio que a Igreja é chamada, também hoje, a enfrentar. Devemos, no entanto, reconhecer que em vários elementos contigentes, Júlio Maria foi filho de sua época e seu pensamento apresenta lacunas. Entre estas, as duas talvez mais gritantes são a visão limitada que teve da Reforma no contexto do mundo moderno

²⁰ JULIO MARIA, *A Graça*, 10.

²¹ *Ibid.*, 9-10.

²² Relatório do Internúncio Macchi ao Secretário de Estado, Cardeal Rampolla, 26 de setembro de 1898; *Arquivo Secreto Vaticano*, Fondo Nunziatura Brasile, Busta 84, fasc. 611. Traduzo do original italiano.

²³ « Conhecendo a extrema ignorância em matéria de religião das classes dirigentes, ele se convenceu que a evangelização dessas classes era o único meio de salvar a pátria. E por isto que a ela dedicou-se inteiramente (...). Ele escolheu a nossa Congregação como correspondendo o mais perfeitamente ao seu ideal de cristianizar o Brasil, afirmando que as classes dirigentes, no Brasil, são também aque-

e o insuficiente conhecimento do socialismo enquanto filosofia social chamada a ter papel importante no século XX. Júlio Maria não conseguiu ver, na primeira, senão uma expressão de rebeldia religiosa e, no segundo, um movimento de rebeldia social²⁴.

Um terceiro nível pode ser identificado no capital papel político que teve a sua pregação para a atitude da Igreja no Brasil com relação às instituições políticas, na difícil transição da monarquia para a república. Crítico impiedoso do regime do Segundo Império²⁵, Júlio Maria não se torna republicano, no sentido político do termo. Mas sua reflexão, influenciada pelo catolicismo social de Ketteler²⁶, pelo americanismo representado por Ireland e Gibbons²⁷ e pelo magistério de Leão XIII, não deixa de insistir sobre a afinidade da democracia com o ensinamento do cristianismo, tornando-se defensor intrépido de todas as conquistas sociais de seu século, entre as quais a separação da Igreja e do Estado, a liberdade de cultos²⁸, contribuindo, dessa forma, para reaproximar as duas Instituições.

les 'pobres' que o Santíssimo Redentor deve evangelizar» (Carta do Visitador redentorista no Brasil, Padre Augusto Beukers, ao Superior Geral, 24 de agosto de 1908; *Arquivo Geral Redentorista de Roma*, Provincia Holandesa, Vice-Prov. Holandico-Brasileira; o original está escrito em francês).

²⁴ Cfr. *Conferências da Assunção*, 1ª série, 6ª conferência: «Os dois filosofismos que no mundo moderno fazem perigar a democracia». Quanto à sua insuficiente visão do protestantismo, os evangélicos não deixaram de responder polemicamente, organizando conferências de refutação. Algumas delas estão publicadas, na íntegra, pelo «*Jornal do Commercio*» do Rio de Janeiro: 3 e 5 de abril de 1908; 23 de março de 1909; 8 de março de 1915.

²⁵ Ver seu livro *Apóstrofes*, que retoma artigos publicados em 1885. Pregando a oração fúnebre de Pedro II, a 5 de janeiro de 1892, na matriz de Juiz de Fora, faz uma «dissertação sobre os deveres dos príncipes e reis perante o Evangelho e o direito cristão; de um lado faz a apologia das virtudes naturais e privadas de Pedro II, do outro mostrou as omissões e as culpas da monarquia brasileira» (JS, 52-53. Cfr. HAUCK, 18).

²⁶ *Wilhem Emmanuel von Ketteler*, Bispo de Mogúncia (1811-1877), é considerado um dos precursores da doutrina social católica, criticando, em suas obras, o capitalismo liberal e defendendo a necessidade de uma legislação social que leve em consideração a natureza ética da sociedade. Foi um dos organizadores e propagadores do movimento social católico alemão no século XIX.

²⁷ *John Ireland*, 1º Arcebispo de St. Paul do Minnesota (1838-1918), tratou dos problemas candentes da sociedade americana de então, defendendo sobretudo a presença e atuação da Igreja nos novos ramos democráticos de uma sociedade pluralista, em uma atitude de respeito e de colaboração. Sua obra *The Church and the modern society* (1896) exerceu grande influxo no pensamento de Júlio Maria.

James Gibbons, Cardeal Arcebispo de Baltimore (1834-1921), dedicou-se com afinco, não sem polémicas e mal-entendidos com Roma, à luta pela abolição da escravidão nos Estados Unidos e às questões sociais da pobreza, migrantes e outros marginalizados. Defendia uma presença ativa da Igreja na sociedade americana, no respeito mútuo e na colaboração entre sociedade civil e Igreja.

²⁸ É característica, neste sentido, a 5ª conferência da 1ª série das *Conferências da Assunção*: «Que se pode e se deve reconhecer a legitimidade cristã da democracia» e a 12ª da mesma série: «Que no Brasil, a Igreja e a Estado, independentemente de laços oficiais, podem e devem unir-se no interesse do povo e para a salvação da pátria».

Como diante da cultura de seu século, também aqui Júlio Maria não assume um irenismo ingênuo. Ele é crítico impiedoso dos preconceitos anti-religiosos que marcam a 1ª República e combate sem trégua o positivismo que a influenciava²⁹. Mas denuncia igualmente, com a mesma força e indignação, os preconceitos que, sob motivações aparentemente legítimas, escondiam, em muitos homens de Igreja, uma nostalgia mal disfarçada pelo regime passado, um desejo de restauração de uma hegemonia eclesiástica que, na realidade, era uma verdadeira escravidão a atrelar a Igreja ao controle rígido do Estado³⁰.

No respeito à liberdade da Igreja e à do Estado, ele propõe um encontro vital, uma colaboração leal e honesta, em prol do bem comum e do homem. Nisto, respondia a uma recomendação explícita do pontificado de Leão XIII, voltado para uma atitude mais positiva diante dos regimes democráticos então emergentes³¹.

Agindo dessa maneira, não pretendia Júlio Maria fazer política: «Em primeiro lugar, Senhores, eu não poderia fazer a propaganda que tenho feito, sem admitir a harmonia possível da democracia com o catolicismo; e sem dar um certo lugar na minha pregação às verdades sociais do Evangelho», afirmará ele em seu discurso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a 8 de dezembro de 1899. «Pregar estas verdades não é ser pregador político; ou então têm sido políticos, desde João Batista até Leão XIII, todos os pregadores que com a palavra ou com a pena têm tido por intuito a reconstrução social de um povo pela religião. Não; não é fazer pregação política pregar as verdades sociais do catolicismo

²⁹ A refutação do positivismo é uma constante em suas pregações pelos estados brasileiros e constituirá o tema de quatro vibrantes conferências da 1ª série das *Conferências da Assunção*.

³⁰ O exemplo mais eloquente é a 7ª conferência da 1ª série das *Conferências da Assunção*: «A missão do clero nos tempos novos», que chegou a provocar um sério incidente. Revoltado com as afirmações renovadoras do pregador, Mons. Molina, o vigário da matriz da Glória, onde se realizava a conferência, levanta-se e abandona ostensivamente a igreja, em meio à pregação (Cfr. «Jornal do Commercio», Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1899, 4). A partir de então, as conferências daquele ano passam a ser feitas na igreja da Cruz dos Militares (Cfr. «Jornal do Commercio», 13 de setembro de 1897, 2 e 3).

³¹ Ao assumir sua função no Brasil, em 1892, o Internúncio Gotti recebia a seguinte intrução da Secretaria de Estado do Vaticano, com relação à situação nova criada pela república: «Compreenderá como seja imprescindível, antes de tudo, procurar com uma ação contínua e sagaz, que desapareça do ânimo dos governantes qualquer desconfiança para com a Igreja, e que eles se disponham não somente a não impedir a sua obra fecunda de todo bem, mas também a favorecê-la com ajuda material e com seu apoio moral (...). Assim, conquistando uma geral confiança pessoal e uma sincera benevolência entre todas as ordens sociais, bem poderá fazer compreender como as leis contrárias à Igreja e restritivas da liberdade dos bispos são, ao mesmo tempo, prejudiciais à sociedade civil, em um Estado que ainda não conseguiu estabelecer solidamente o seu ordenamento político» (Instruções de 1... de maio de 1892 (o estado do original não permite ler a data); *Arquivo Secreto Vaticano*, Fondo Nunziatura Brasile, Busta 70, fasc. 495) original em italiano. Em 1894, Leão XIII escreverá aos bispos brasileiros, recomendando respeito e colaboração com as autoridades da República (Cfr. Nota do Ministério das Relações Exteriores ao Internúncio, 23 de agosto de 1894; *Arquivo Secreto Vaticano*, Ibid., fasc. 499).

(...). Dizer ainda: devemos aceitar o novo regime, combatendo para que ele se harmonize com a religião; dizer isto, senhores, será talvez contrariar interesses partidários, mas não é fazer pregação política. Não; não sou partidário; não o serei nunca »³².

Apresentando o texto

As idéias de Júlio Maria, no Brasil, são originais. Acompanhando atentamente o melhor do pensamento apologético de sua época, o pregador redentorista conseguiu traçar vastas perspectivas de vanguarda para uma teologia cristocêntrica, encarnada em um compromisso de vida, alimentada por uma dimensão sacramental coerente e fecunda, para uma Igreja livre de preconceitos, inserida na trama social de seu tempo, sem temores mas também sem traições de sua fisionomia autêntica. Algumas de suas reflexões, nesse campo, chegam mesmo a impressionar pela modernidade de sua visão que alcançava longe.

A maturidade da produção, em Júlio Maria, acontece com as *Conferências da Assunção*, cuja primeira série ele inicia em 1897. Suas idéias provocam, então, uma violenta polêmica que, inicialmente, vem à luz nos jornais cariocas, mas que, posteriormente, chegará inclusive à Santa Sé³³. Júlio Maria sente a necessidade de precisar seu pensamento, e, para isso, escreve uma série de 12 artigos, publicados semanalmente, na « *Gazeta de Notícias* » do Rio de Janeiro, de 14 de março a 7 de maio de 1898, sob o título *A Igreja e o Povo*³⁴.

É deste mesmo período o texto que agora reproduzo. Estando no Rio de Janeiro para a segunda série das Conferências da Assunção, em 1898, Júlio Maria é convidado para falar em uma reunião solene dos Cooperadores Salesianos, no dia 12 de outubro, « quando se comemora o 406º aniversário da descoberta da América (...). A 1 hora da tarde, precedendo uma breve leitura e canto de um Moteto, falará o Revd. Padre Dr. Júlio Maria »³⁵.

A reunião acontece na ampla e espaçosa igreja de São Francisco de Paula, no centro do Rio de Janeiro. O tema escolhido foi « Dom Bosco e o Pobre ». Júlio Maria inspira-se no célebre sermão sobre a dignidade do pobre, de Bossuet³⁶. Deste extrai o versículo bíblico que usa como

³² Cito diretamente do texto original manuscrito, com frontispício, assinatura e correções autógrafas de Júlio Maria e que se conserva no Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Doc. 11, Lat. 487.

³³ Cfr. HAUCK, 19-21. No *Arquivo Secreto Vaticano*, Fondo Nunziatura Brasile, Busta 84, fasc. 617, encontra-se uma valiosa coleção de documentos da Internunciatura do Brasil que permitem precisar, corrigir e completar as informações dadas por HAUCK. O objetivo do presente estudo não me permite fazê-lo no momento.

³⁴ Publicados os artigos como livro em 1900, foram reeditados em 1983 por meu confrade JOÃO FAGUNDES HAUCK.

³⁵ « O Apóstolo », Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1898.

³⁶ *Sermon pour le dimanche de la Septuagésime, sur l'éminente dignité des pauvres dans l'Eglise*; Oeuvres Complètes de BOSSUET, Besançon 1836, vol I, 187-193.

introdução, uma citação direta, duas alusões explícitas e algumas das idéias de fundo, como indicarei nas notas críticas que acrescentarei ao texto.

Há, porém, uma essencial diferença de perspectiva. Bossuet orienta todo o desenvolvimento do seu sermão para a atitude prática proposta na conclusão: a esmola, a ajuda à obra de caridade, como forma de participação do rico na bem-aventurança do pobre³⁷. Júlio Maria, no entanto, assumindo o esquema do grande pregador francês, elabora-o em uma dimensão que ele mesmo chama « teológica » e, assim, supera-o. Em Júlio Maria, o pobre assume uma identidade teológica na própria composição da Igreja, abrindo, desta forma, perspectivas não encontradas no orador francês. Embora, como ele, peça a ajuda do rico, esta última não se esgota na esmola. Supõe uma identificação com o pobre, que, por sua vez, é ele mesmo identificação com o próprio Cristo. E é tal *compreensão* do pobre que ele coloca como objetivo principal de seu discurso, deslocando sintomaticamente uma citação bíblica feita por Bossuet, no decorrer de seu sermão, quase de passagem, colocando-a, ao invés, como introdutória de sua mensagem e fazendo-a retornar mais vezes, ao longo da sua reflexão. É ela que assume, no contexto atual da Igreja, uma intuição realmente antecipadora dos tempos.

Também a figura de Dom Bosco é abordada por Júlio Maria em tal perspectiva: « Eu vejo na obra de Dom Bosco um fulgor distinto, uma beleza característica, uma formosura teológica por muitos despercebida. Parece-me que Dom Bosco não se compadeceu somente do pobre (...). Parece-me que ele entendeu o pobre ». Acrescentará, já quase ao final de sua reflexão: « Dom Bosco entendeu o que é o pobre, reconstruiu o papel evangélico do pobre; fez com que o pobre reassumisse a sua dignidade na Igreja ».

Publicado em 1899 pela Escola Typographica Salesiana de Niterói³⁸, o folheto de 20 páginas é, atualmente, de difícil acesso ao estudioso. Creio fazer obra benéfica apresentá-lo a quantos se interessam em conhecer melhor o pensamento de Júlio Maria. Reproduzo-o, portanto, integralmente, respeitando o original, apenas modernizando a ortografia.

³⁷ « Donc, mes frères, ouvrez les yeux sur cette maison indigente, et soyez intelligents sur ses pauvres. Si je demandois vos aumônes pour une seule personne, tant de grandes et importantes raisons, qui vous obligent à la charité, devroient émouvoir vos coeurs. Maintenant j'élève ma voix au nom d'une maison tout entière, et encore d'une maison chargée d'une multitude nombreuse de pauvres filles entièrement délaissées »... (op.cit, 193).

³⁸ *Dom Bosco e o Pobre*, pelo Padre Julio Maria, Missionário Apostólico. Conferencia realizada a pedido dos Cooperadores Salesianos na Egreja de S. Francisco de Paula na Capital Federal, Escola Typographica Salesiana, Nichteroy, 1899.

DOM BOSCO E O POBRE

Texto da confêrencia realizada pelo Padre Julio Maria, Missionario Apostolico, a pedido dos Cooperadores Salesianos na Igreja de S. Francisco de Paula na Capital Federal a 12 outubro de 1898.

Beatus qui intelligit super pauperem.

Feliz aquele que compreende o que é o pobre. DAVI, *Salmo*³⁹.

Exmo. e Rev. Sr.⁴⁰

Rev. Clero e

Ilustres católicos

O maior, o mais ardente e também o mais legítimo de todos os problemas sociais da hora presente é o alívio do proletário, e dignificação do indigente — é o problema da pobreza.

É o maior, porque ele abrange todas as relações da vida social, na justiça, no direito, na administração e na política, exigindo do direito uma legislação adequada, da justiça uma equidade bem meditada, da administração medidas sábias e prudentes, e da política, não só certa previdência que os estadistas não revelam hoje, mas o espírito com que os governos devem fazer dela a arte de governar, esclarecer, dirigir os povos para seu duplo destino — terrestre e divino — e não, como acontece, a arte de proporcionar-lhes a maior soma de gozos animais, desprezando nas lições da sabedoria cristã a resolução das grandes, terríveis e solenes questões da nossa época.

Mas o problema da miséria não é só o maior problema atual, é também, como eu disse, o mais ardente de todos os problemas modernos. É o mais ardente, porque ele prende-se a todas as questões da nossa época. Ele agita-se no mundo inteiro; está nas cogitações da pena, nos arroubos da palavra, nas transcendentales concepções do filósofo, nas meditações mais profundas do pensador. Enfim, ele enche de tal sorte a nossa época que só a cegueira dos interesses materiais, só a imprevidência de certos estadistas ou a negligência de certos governos o podem desconhecer, não vendo o problema senão onde o petróleo e a dinamite já exigem pelas armas a sua solução. Tão grande, tão terrível problema, o mais transcendente da atualidade, é também o mais amplo, porque ele abrange todas as relações da vida pública e da vida privada.

³⁹ Sl 40, 1.

⁴⁰ Monsenhor Amorim, Governador do Arcebispado (nota do texto original).

E não só é hoje o primeiro, o maior, o mais ardente de todos os problemas; mas ainda o que desperta a maior soma de idéias, de pensamentos, de teorias.

Precisamos dizê-lo (não sem estigmatizar as loucuras do espírito revolucionário, não sem amaldiçoar, cobrindo-os de opróbrio e de ignomínia, os atentados inauditos contra a vida e contra a propriedade), precisamos dizê-lo alto e francamente: é o mais legítimo de todos os problemas, esse, cuja solução é imposta à nossa civilização pelos direitos do pobre e os deveres do rico.

Não é simplesmente um problema político e econômico: é um dos maiores temas teológicos, a mais bela das revelações que o Divino Mestre fez aos seus discípulos, a mais sublime de todas as solitudes que Ele recomendou na pessoa de seus Apóstolos à consciência da humanidade. Com palavras solenes e grandiosas, Jesus Cristo descrevia um dia aos seus discípulos o seu futuro advento, a manifestação gloriosa da sua justiça sobre o universo transfigurado, nessa sublime palingenesia de que Ele próprio há de ser o herói e o executor; e quando quis significar, mostrar aos seus discípulos os que ficariam à sua direita e os que ficariam à sua esquerda; os que teriam e os que não teriam o gozo da suprema recompensa, assim lhes falou: « O Rei dirá então aos que hão de ficar à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que *ab-aeterno* vos está preparado, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era hóspede e me recolhestes; estava nú e me cobristes; estava enfermo e me visitastes; estava no cárcere e viestes ver-me. E os justos perguntarão ao Rei: Senhor, quando é que nós te vimos faminto e te demos de comer, ou sequioso e te demos de beber!? Quando te vimos hóspede e te recolhemos, ou nú e te vestimos!? Quando te vimos enfermo, ou no cárcere e te fomos ver!? E respondendo o Rei lhes dirá: Na verdade vos digo que quantas vezes vós fizestes isto a um dos vossos irmãos, a mim é que o fizestes »⁴¹.

Palavras sublimes! Suprema expressão da Caridade divina! Transfiguração, Senhores, da pobreza, da miséria, da indigência! Identificação do pobre com Jesus Cristo! Substituição real, verdadeira, do mendigo, ainda o mais desprezado, pelo mais formoso e mais belo e mais puro dos filhos dos homens — pelo próprio Filho de Deus! Caridade suprema e sublime, repito, e que não podemos expressar condignamente na nossa fraca linguagem humana; mas palavras também que provam o que eu disse, isto é, que o problema da pobreza

⁴¹ Mt 25, 34-40.

não é somente um problema político e econômico, mas também um grande assunto teológico pelo Divino Mestre proposto à consciência universal. É por este lado, Senhores, que eu vou hoje considerar o problema; e estou certo que estudando-o na sua transcendência teológica, lograrei, por isso mesmo, indicar a sua justa solução social e econômica. Hoje, eu não quero ver no pobre aquilo que em nós desperta a condolência, a compaixão; prefiro mostrar-vos nele aquilo que em nós deve despertar a admiração, o enlevo, o pasmo e, se possível, uma santa emulação, um nobre pesar de não termos recebido a mesma vocação. Eis porque dos salmos do Poeta-Rei, para vos expressar hoje os meus pensamentos, escolhi aquele que melhor pode exprimir a imensa dignidade do pobre: *beatus qui intelligit pauperem*. Feliz o que compreende o que é o pobre! Aprofundai bem este texto.

Não; não basta, Senhores, ver; não basta olhar; não basta contemplar o pobre: não basta mesmo ter solicitude pelo pobre; não basta ter compaixão pelo pobre; eu ousa dizer não basta amar ao pobre; não basta dar-lhe o coração; é preciso saber conhecer, compreender o que é o pobre: *Beatus qui intelligit super pauperem!*

Ter sabido o que é o pobre, Senhores, me parece que esta foi a maior das glórias de Dom Bosco, de cuja obra não escolho hoje senão uma face para a contemplar — em todo o fulgor da sua beleza divina.

Quando Dom Bosco apenas tivesse assombrado o mundo com os prodígios da sua caridade; quando apenas tivesse enchido as nações da Europa e da América de institutos, de fábricas e de oficinas, sem dúvida, grande seria a sua glória e a sua memória digna das bênçãos da humanidade. Mas eu vejo na obra de Dom Bosco um fulgor distinto, uma beleza característica, uma formosura teológica por muitos despercebida. Parece-me que Dom Bosco não se compadeceu somente do pobre; não se condeou somente dos seus sofrimentos e necessidades. Parece-me que ele entendeu o que é o pobre, elevando-se na sua percepção até estas idéias do maior dos oradores sagrados, do Demóstenes do púlpito: « Não basta olhar o pobre com os olhos da carne; é preciso olhá-lo com os olhos da inteligência e da fé... com aqueles não se vê senão o que o pobre tem de abjecto; com estes vê-se no pobre a imagem de Jesus Cristo, o cidadão de seu reino, o herdeiro de suas promessas, o distribuidor de suas graças, o filho verdadeiro de sua Igreja, o primeiro membro de seu corpo místico... Também não basta assistir ao pobre em suas necessidades. - Pessoas há que socorrem o pobre, mas que não o socorrem senão por compaixão natural, e que não sabem o que é o pobre. Só o que considera o pobre como o

primeiro filho da Igreja, e que, honrando-o nesta qualidade, julga-se obrigado a servi-lo, esse entende o que é o pobre »⁴². Ora, Senhores, parece-me que foi assim que Dom Bosco principalmente considerou o pobre; e que a inteligência que ele teve do que é o pobre, constitui a sua maior glória. Parece-me que Dom Bosco reconstruiu na sociedade moderna o papel evangélico do pobre, tal como Nosso Senhor no-lo tinha mostrado. Parece-me que ele restabeleceu na Igreja a eminente dignidade do pobre; parece-me que mais do que os prodígios de sua caridade, mais do que as maravilhas de sua obra salesiana, ele firmou esta tríplice grandeza do pobre: privilegiado de Deus na Igreja; hierarca do rico na Igreja; protetor do rico na Igreja.

Eu sei, Senhores, esta doutrina forte, estas virtudes másculas estão um tanto esquecidas. Ser-nos-há, talvez, mister retroceder alguns séculos para vermos os Padres e os Doutores da Igreja proclamar, em livros monumentais e em discursos sagrados, esta grande e tríplice dignidade do pobre.

Eu o sei; mas é preciso lembrar tais verdades para mostrar a beleza característica da obra de Dom Bosco.

O pobre é o privilegiado de Deus na Igreja⁴³.

Os teólogos nos ensinam que a Igreja, no plano primitivo de Deus, foi edificada para os pobres; que ela é verdadeiramente a cidade dos pobres; que grande é a diferença entre a sinagoga e a Igreja: a sinagoga, esplendor do poder, da onipotência e da justiça de Deus; a Igreja, manifestação suprema de seu amor, de sua ternura, de sua compaixão. Na antiga aliança, na sinagoga, que vemos? Promessas temporais. Deus promete ao homem multiplicar-lhe os rebanhos, estender suas terras, abençoar sua prole; promete-lhe, enfim, as coisas que fazem o bem-estar, a prosperidade, a felicidade do tempo.

Na nova aliança (mudança maravilhosa!) já não são prosperi-

⁴² « Il ne suffit pas, chrétiens, d'ouvrir sur les pauvres les yeux de la chair: mais il faut les considérer par les yeux de l'intelligence: *beatus qui intelligit*. Ceux qui les regardent des yeux corporels, ils n'y voient rien que de bas, et ils les méprisent. Ceux qui ouvrent sur eux l'oeil intérieur, je veux dire l'intelligence guidée par la foi, ils remarquent en eux Jésus-Christ; ils y voient les images de sa pauvreté, les citoyens de son royaume, les héritiers de ses promesses, les distributeurs de ses grâces, les enfants véritables de son Eglise, les premiers membres de son corps mystique. C'est ce qui les porte à les assister avec un empressement charitable. Mais encore n'est-ce pas assez de les secourir dans leurs besoins. Tel assiste le pauvre, qui n'est pas intelligent sur le pauvre (...). Celui-là entend véritablement le mystère de la charité, qui considère les pauvres comme les premiers enfants de l'Eglise, qui honorant cette qualité, se croit obligé de les servir » (*Troisième Point*, op. cit., 193).

⁴³ Todo o conjunto dos próximos parágrafos inspira-se muito estreitamente no « Premier Point » do sermão de Bossuet, sintetizando-o (cfr. op.cit., 188-189).

dades materiais; já não é a multiplicação das riquezas; já não é a fecundidade dos campos nem o aumento da prole; é, como bem diz Bossuet, a Cruz ⁴⁴, a aflição, a ignomínia, o opróbrio, a pobreza. Por que? Ele o explica admiravelmente.

Na antiga aliança, Deus, tendo manifestado sua glória, seu poder, era preciso que a sinagoga se revestisse de sinais exteriores de força, grandeza e elevação.

No nova aliança, Jesus Cristo, tendo tomado uma forma servil, como Verbo tendo-se feito homem, tendo-se feito mesmo o opróbrio do homem, a ignomínia da plebe, convinha que a sua Igreja, isto é, a sua esposa mística ⁴⁵, reproduzisse os sinais de seu esposo, isto é, a abjeção, a miséria, a ignomínia, a mortificação e a pobreza. Assim é que se pode dizer que a Igreja foi edificada especialmente para o pobre. *Evangelizare pauperibus misit me* ⁴⁶. Sem dúvida, também os ricos entram na Igreja; mas despojando-se de suas riquezas, e, como diz o Apóstolo, entregando suas riquezas, permutando-as pelos grandes privilégios do pobre ⁴⁷. Sem dúvida, também os ricos entram na Igreja; mas humilhando-se, reconhecendo os privilégios do pobre, desejando, como São Paulo, que seus serviços ao pobre sejam agradáveis ao pobre, em relação ao qual jamais devem esquecer aqueles delicados sentimentos que animavam o Apóstolo quando, falando aos Romanos de uma esmola que ia mandar aos fiéis de Jerusalém, lhes pedia que orassem para que seu óbulo fosse bem recebido dos pobres ⁴⁸.

Que profundo respeito o do Apóstolo pela pessoa do pobre!

Mas, o pobre não é somente o privilegiado de Deus na Igreja; ele é também o hierarca do rico na Igreja. Como e por que? Darei a explicação dos teólogos. Deus, que como Redentor é o primeiro dos pobres, como Criador é o primeiro e o maior de todos os ricos. Ele

⁴⁴ Bossuet fala genericamente: « Jésus-Christ a substitué en leur place les afflictions et les croix » (*Premier point*, op. cit., 188). Júlio Maria personifica a Cruz.

⁴⁵ Júlio Maria substitui a imagem de Bossuet pela da « esposa mística »: « ... l'Eglise, son corps mystique, devait être une image de sa bassesse, et porter sur elle la marque de son anéantissement volontaire » (*Premier Point*, op. cit., 188).

⁴⁶ *Lc* 4, 18.

⁴⁷ Ao resumir o pensamento de Bossuet, o texto de Júlio Maria é obscuro. Em Bossuet, a citação do Apóstolo é *alter alterius onera portate* (*Gl* 6,2). O fardo dos ricos é a riqueza, que eles são chamados a trocar com o fardo do pobre, que é a necessidade: « Riches, portez le fardeau du pauvre, soulagez sa nécessité, aidez-le à soutenir les afflictions sous le poids desquelles il gémit; mais sachez qu'en le déchargeant vous travaillez à votre décharge; lorsque vous lui donnez, vous diminuez son fardeau, et il diminue le vôtre; vous portez le besoin qui le presse, il porte l'abondance qui vous surcharge » (*Second Point*, op. cit., 191).

⁴⁸ Cfr. *Rm* 15, 30-31.

não precisa, sem dúvida; das nossas riquezas⁴⁹.

As magnificências todas espalhadas pelo globo; as maravilhas encerradas nas profundezas da terra; desde o pingo d'água até o diamante; desde o nosso planeta até os mundos brilhantes que se equilibram no espaço iluminados por sóis múltiplos, tantas, tão inumeráveis riquezas..., a quem pertencem? Ao primeiro rico, ao Deus Criador, àquele do qual todas as criaturas dizem: *Tu creasti omnia*⁵⁰.

Entretanto, tratando de edificar a sua Igreja, Deus parece desdenhar todas essas riquezas.

As coisas de que Ele condescende em precisar para sua Igreja são justamente as mais insignificantes no seu valor monetário: a água, o pão, o vinho, o óleo.

Isto quanto às coisas. Agora, quanto às pessoas, se ricas, não as repele por isso da sua Igreja, mas nesta só as admite como vassalos dos pobres, sujeitos aos pobres⁵¹, tributando-lhes a homenagem e o culto a que eles têm direito na Igreja. Homenagem, porque a pobreza é a reprodução mística de Jesus Cristo; culto, porque o pobre não é só, como tendes visto, o privilegiado de Deus na Igreja; é também, como eu disse, o hierarca do rico na Igreja.

Tendo Deus edificado a Igreja principalmente para os pobres, não se contentou com dar-lhes essa sublime regalia: encheu-os de privilégios em relação aos ricos; privilégios que dão aos pobres na Igreja uma majestade, um poder, uma grandeza, uma força que constituem os ricos na dependência deles.

Como em todos os reinos, impérios, repúblicas, há grandes, poderosos, magnatas, homens que pela privança com o soberano ou a autoridade suprema dispõem de certos atributos e faculdades e gozam por isso de certos favores, assim também, Senhores, para me servir de um outro pensamento de Bossuet, há grandes, há potentados, há magnatas no reino de Deus⁵²; e estes são os pobres, em cujas mãos

⁴⁹ Cfr. « Second Point » do sermão de Bossuet (op. cit., 190-192), que inspira os próximos parágrafos. Júlio Maria, porém, introduz toda uma sua reflexão original, modificando bastante as idéias do texto francês.

⁵⁰ A citação latina é aproximativa. Cfr. *Sl 103, 24: Omnia in sapientia fecisti.*

⁵¹ « Venez donc, ô riches, dans son Eglise; la porte enfin vous en est ouverte: mais elle vous est ouverte en faveur des pauvres, et à condition de les servir (...). ... dans l'Eglise de Jésus-Christ, vous êtes seulement serviteurs des pauvres » (*Second Point*, op. cit., 190). « C'est pour cela, chrétiens, qu'il a établi son Eglise, où il reçoit les riches, mais à condition de servir les pauvres » (*Ibid.*, 191).

⁵² « Dans tous les royaumes, dans tous les empires, il y a des privilégiés, c'est-à-dire des personnes éminentes qui ont des droits extraordinaires: et la source de ces privilèges, c'est qu'ils touchent de plus près, ou par leur naissance ou par leurs emplois, à la personne du prince. Cela est de la majesté, de l'état et de la gran-

estão a sorte, o destino, a salvação dos ricos, os quais só podem entrar na Igreja, diz São João Crisóstomo, se os pobres lhes abrem as portas⁵³.

É, pois, certo, Senhores, como acabamos de ver, que o pobre dispõe da sorte do rico; que o rico pode entrar na Igreja, mas introduzido pelo pobre; que nas mãos do pobre estão as chaves da maravilhosa cidade que a Escritura chama - o reino de Deus. Portanto, *beatus qui intelligit super pauperem*, feliz o que compreende o que é o pobre.

Aquele que vê o pobre sem esta compreensão, pode, sem dúvida, compadecer-se dele, ter piedade dele e mesmo, com misericórdia, cuidar das suas necessidades; mas não logrará saber que ele é a imagem de Jesus Cristo, o distribuidor de suas graças, o mais precioso membro de seu corpo místico, o privilegiado de Deus na Igreja, o hierarca do rico na Igreja, o protetor do rico na Igreja.

Compreendei, Senhores, estas verdades. Não presteis atenção às vozes incrédulas ou mesmo irônicas que porventura vos digam: « privilégio do pobre! hierarquia do pobre! dignidade do pobre! Paradoxo! ».

Paradoxo, sim, mas paradoxo fecundo e prolífico. Justamente, meus Senhores, quando o mundo estava absorvido pelo egoísmo, a ambição e o desejo do bem estar; quando as nações estavam mais oprimidas pelo despotismo político, as almas mais corrompidas, os corações cheios de paixões e de vícios; quando uma grande parte de Roma só se ocupava dos negócios materiais do grande Império, cuja soberania, em todo o mundo, era o sonho que o animava; quando todo o brilho, todo o fulgor, toda a perspicácia da in-

deur du souverain, que l'éclat qui rejaillit de sa couronne se répande en quelque sorte sur ceux qui l'approchent. Puisque nous apprenons par les saintes Lettres que l'Eglise est un royaume bien ordonné, ne doutez pas, mes frères, qu'elle n'ait aussi ses privilèges. Et d'où se prendront ces privilèges, sinon de la société avec son prince, c'est-à-dire avec Jésus-Christ? Que s'il faut être uni avec le Seigneur, chrétiens, ne cherchons pas dans les riches les privilèges de la sainte Eglise. La couronne de notre monarque est une couronne d'épines: l'éclat qui en rejaillit, ce sont les afflictions et les souffrances. C'est dans les pauvres, c'est dans ceux qui souffrent, que réside la majesté de ce royaume spirituel. Jésus étant lui-même pauvre et indigent, il était de la bienséance qu'il liât société avec ses semblables, et qu'il répandît ses faveurs sur ses compagnons de fortune » (*Troisième Point*, op. cit., 192).

⁵³ Cfr. S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Homilia XI*, « De divitiis et Paupertate » (PG, XII, 637-645), que é citada por Bossuet (*Premier Point*, op.cit., 187). A frase é uma interpretação não literal do sentido do discurso de João Crisóstomo (PG, XII, 645). Trata-se de uma idéia que é constante em diversas homilias deste Santo Padre. Cfr., por exemplo, a Homilia XXIII, « De elemosyna et Hospitalitate » (PG XII, 715-752). Esta última emprega o texto do Juízo Final de Mt, citado também por Júlio Maria e que não se encontra no texto de Bossuet.

teligência humana, na Grécia, aplicados a desfigurar a razão do homem, a apagar no seu espírito os restos da verdade tradicional; quando na própria Judéia o abatimento de uma nação humilhada nos seus brios políticos, escravizada pelo poder romano, não lhe permitia o heroísmo de uma grande e verdadeira batalha pela pátria e a liberdade, consumindo o povo eleito em lutas estéreis, improfícuas e inglórias a seiva que tinha animado antigamente o seu patriotismo, o estro que tinha feito a inspiração dos seus profetas; quando a Grécia, Roma e a Judéia assim se apresentavam, uma escravizada às empresas da ambição, outra escravizada ao desvario da filosofia, outra escravizada a um sonho insensato de restauração, foi justamente nessa época que repercutiu no mundo o paradoxo cristão; foi justamente nessa época que o paradoxo cristão disse: Eu venho, não só para renovação da sociedade; eu venho, não só para a autonomia das consciências; eu venho, não só para a grandeza política dos povos; eu venho para que se introduza no mundo a renúncia da riqueza, o gozo das dores, o prazer das lágrimas, o amor da miséria! Gozo das dores! prazer das lágrimas! amor da miséria! Oh! Senhores, que paradoxo!

Tudo isto, entretanto, foi e é uma realidade no cristianismo. O amor da pobreza não foi a menor das novidades que Jesus Cristo trouxe ao mundo.

O paganismo considerava a pobreza como um vício, a enfermidade como uma aberração da natureza, os indigentes como menos úteis que os animais e a mendicidade como um mal que devia ser, não o objeto da caridade, mas de medidas preventivas, de leis que o extirpassem! Jesus Cristo, desde seu berço, divinizou a pobreza, metamorfoseou o mendigo, de tal sorte transfigurou o enfermo, que o mundo, arroubado, sentiu-se preso à formosura da pobreza, aos encantos da miséria, aos atrativos da indigência! Que renovação nas idéias! Que metamorfose nos pensamentos do mundo! Que delicadezas novas no coração humano! Que divinos instintos, desde então, nas almas que o amor da pobreza eleva até ao heroísmo!...

Jesus Cristo introduziu no mundo o paradoxo cristão - *Beati pauperes spiritu*⁵⁴; e mendigos disputam aos fidalgos o amor das princesas! Grandes, poderosos abatem-se! Altos personagens vêm aos pés dos pobres render o tributo que Jesus Cristo exige para os pobres! Jesus Cristo proclamou o paradoxo cristão, o amor da pobreza: e

⁵⁴ Lc 6,20.

donzelas piedosas, cheias de grandezas e de mocidade, trocam as púrpuras de seus palácios por aventais! Donzelas nobilíssimas trocam a inutilidade dos bailes pelas solitudes dos hospitais!

O paradoxo cristão proclamou o amor da pobreza, o amor das lágrimas, o amor das dores; e este tríplice amor repercutiu no mundo, renovou o mundo, embalsamou o mundo, fazendo brotar das almas a flor da caridade, cujos perfumes sanearam os pântanos do paganismo. Foi esse tríplice amor, introduzido no mundo por Jesus Cristo, que criou o lazareto, o hospital, os institutos de beneficência, as casas todas consagradas à pobreza.

Desde que o amor das lágrimas, das dores, da miséria foi conhecido, o mundo viu na caridade os heroísmos mais maravilhosos. Viu o irmão do louco, o amigo do leproso, o amigo do doente, o amigo do órfão, das crianças, a irmã da pobreza, da doença, da dor.

Viu todos esses apóstolos da caridade que tanto têm glorificado a Jesus Cristo nos mais preciosos membros de seu corpo místico, isto é, nos pobres.

Dentre tantos apóstolos, Senhores, que tanto têm amado a pobreza e glorificado Jesus Cristo no pobre, quem o glorificou mais do que esse homem extraordinário, esse homem estupendo de nosso século, cujo amor predileto parece ter sido justamente o amor da pobreza? Quem o glorificou mais do que Dom Bosco? Quem mais do que Dom Bosco compreendeu o que é o pobre?

Dom Bosco, Senhores, não forneceu somente à nossa época uma das mais belas soluções do problema social nas suas múltiplas faces - educação, ensino, trabalho, moralidade; Dom Bosco não deu somente à nossa época, ao nosso século, à sociedade moderna modelos admiráveis na oficina, na fábrica, nas indústrias, nas profissões e artes liberais; Dom Bosco não provou somente com a eloquência dos fatos como é pueril, estreito, ridículo mesmo esse preconceito, aliás de homens de letras, de homens políticos e de governo, de estadistas, que já Montesquieu combatia no « Espírito das Leis », que a religião católica diz apenas respeito aos interesses supra-sensíveis do homem, às suas esperanças imortais, desprezando completamente os interesses da terra; Dom Bosco não provou somente com a eloquência dos fatos como o rico e o pobre se podem entrelaçar, realizando o pensamento da Escritura - *dives et pauper obviaverunt sibi*⁵⁵; Dom Bosco não foi somente um dos grandes pacificadores da revolução que agita o mundo moderno...

⁵⁵ Prov 22,2.

Permití que eu volte ao meu primeiro pensamento, à minha primeira idéia, à idéia fundamental de meu discurso, e que vos diga, em relação a Dom Bosco: « *beatus qui intelligit pauperem* ». Dom Bosco entendeu o que é o pobre; reconstruiu o papel evangélico do pobre; fez que o pobre reassumisse a sua dignidade na Igreja. Dom Bosco compreendeu o que é o pobre, compreendendo a grandeza sobrenatural do pobre, o seu destino providencial ao mesmo tempo e, por isso, transformou o pobre em protetor do rico no século XIX.

Compreendeis bem, meus amigos, o meu pensamento? Apreendeis perfeitamente esta beleza admirável da obra de Dom Bosco!?

Muitos têm decantado a obra social do apóstolo; outros muitos têm enumerado os múltiplos benefícios da Instituição Salesiana; eu quero, hoje, posto que o primeiro, saudar a beleza teológica da obra de Dom Bosco. Essa obra não foi um tratado, um compêndio, um livro; foi mais, muito mais, incomparavelmente mais do que isso: foi a restauração, na Igreja, do plano de Deus que a fundou sobre a pobreza, fazendo do pobre não só o privilegiado de Deus, não só o hierarca do rico, mas o protetor do rico.

Eis a grande obra teológica de Dom Bosco.

No seio da sociedade moderna, onde tantos ódios, tantas paixões e tantas ambições inconfessáveis assaltam a propriedade e ameaçam a riqueza, ele criou uma proteção para a riqueza, mais poderosa que os governos, mais eficaz do que os exércitos, mais solícita e previdente do que a política. Compreendeis a beleza de sua obra?

Mais do que a infância desamparada, os ricos devem venerar Dom Bosco! Saudemos, pois, saudemos na sua obra gloriosa o grande restaurador! ⁵⁶...

⁵⁶ Temos notícias do contato de Júlio Maria com as obras salesianas já em 1894, na sua primeira viagem apostólica a São Paulo, quando visitou o Liceu Salesiano, no dia 5 de agosto (cfr. « A Pátria », 12 de agosto de 1894, 351). Júlio Maria chama-o de « monumental instituto de educação, formosa vergôntea da grande árvore salesiana que já estende seus ramos pelo mundo inteiro » (*A minha pregação em São Paulo*, em « A Pátria », 28 de outubro de 1894, 443). Em 1897 será a Tipografia Salesiana de Niterói a imprimir a primeira edição do seu livro *Apóstrofes*. A Revista « Santa Cruz », dos Cooperadores Salesianos de São Paulo, em 1911, publica uma bela fotografia de Júlio Maria, com o seguinte autógrafo: « Aos laboriosos Filhos de Dom Bosco devemos, no Brasil, não só a obra industrial e artística que esse grande amigo dos Pobres consagrou ao pauperismo moderno, mas também, realçando-a, uma fecunda officina litteraria, donde, em proveitosas publicações, como entre outras, a formosa Revista *Sancta Cruz*, muita luz tem sahido illuminando os transviados do caminho da verdade, e dando a almas envenenadas pelo erro o andito da Doutrina que unica regenera e salva. Padre Júlio Maria C.S.S.R. - Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1911 » (*Santa Cruz*, IX (junho de 1911), 332).

E Vós, Senhora amabilíssima, vós que fostes a estrela de Dom Bosco nas batalhas ardentes da sua caridade; vós bem sabeis, é inútil lembrar-vo-lo, foi num dia memorável, no dia de vossa Imaculada Conceição, no dia de vossa festa a mais gloriosa, que se despertou no espírito do padre ilustre o pensamento da obra salesiana, esta obra gigantesca que devia tornar-se, como aconteceu, um dos maiores prodígios do século dezenove.

Pois bem, Senhora sacratíssima, Mãe amabilíssima de todos nós, nós os brasileiros queremos também de vós, em relação a Dom Bosco e à sua obra, um favor especial; queremos, Senhora, que inspireis a imprensa, os parlamentos, os governos, a política, a todos os cidadãos e cristãos que aqui estão presentes.

Nós os brasileiros queremos, Senhora, que inspireis à imprensa, para que ela proclame em todas as regiões do Brasil Dom Bosco não só um dos benfeitores da humanidade, um dos atletas da civilização universal, mas também um dos promotores da civilização brasileira, que do norte ao sul do Brasil já contempla frutos benéficos de sua obra.

Nós queremos que inspireis os parlamentos, para que eles saibam tirar dessa obra gloriosa os princípios e idéias que devem ser adotados na legislação sobre o ensino e a educação das novas gerações, máxime da infância, que não só nos colégios, mas também nas oficinas, nas fábricas, nas indústrias, por toda parte precisa de ver a Jesus Cristo dignificando o homem, nobilitando o trabalho, divinizando a alma. Queremos que inspireis os governos brasileiros para que eles tenham a isenção de espírito e a independência cívica necessária para calcar aos pés preconceitos pueris contra a Igreja e a sua divindade para auxiliarem quanto possível esta grande empresa salesiana que oxalá víssemos extendendo-se a todas as cidades do Brasil! Queremos que inspireis a política, para que, no meio de tantas tristezas e adversidades, no conflito de tantas idéias, num como que ceticismo que vai pouco a pouco apagando das almas os grandes ideais cristãos, ela compreenda que jamais poderá resolver o problema brasileiro sem o auxílio da religião.

E pela minha parte, Senhora, eu vo-lo suplico: inspirai a todos estes cidadãos aqui presentes; fazei que eles saiam hoje deste templo considerando cada um como tríplice dever de sua parte — dever de homem em face do problema universal, dever de patriota em face do futuro nacional, dever de cristão em face de Deus e da Igreja — *auxiliar a obra de Dom Bosco.*